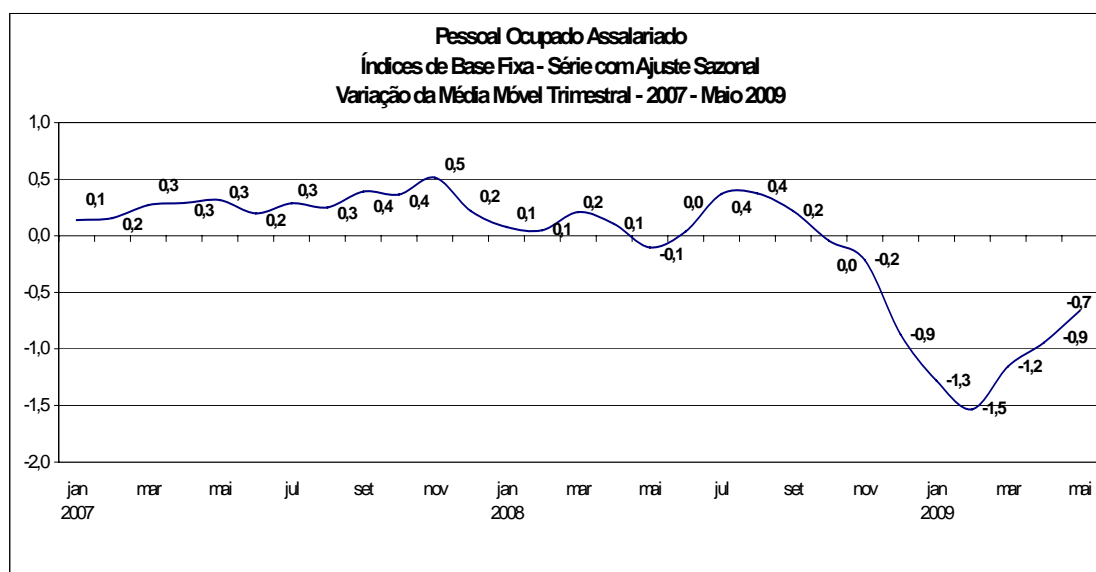


## COMENTÁRIOS

### PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

Em maio, o emprego na indústria recuou 0,5% frente ao mês anterior, na série livre de influências sazonais, oitavo resultado negativo consecutivo, levando a uma perda de 7,1% frente a setembro do ano passado. O índice de média móvel trimestral mantém sequência de sete taxas negativas, porém com ritmo de queda menos acentuado em maio (-0,7%) do que nos meses anteriores.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

Em relação a maio de 2008, a redução de -6,0%, sexta taxa negativa consecutiva nessa comparação, atingiu a menor marca da série histórica, iniciada em 2001. O indicador acumulado no ano ficou com -4,7%, abaixo do resultado para o primeiro quadrimestre deste ano (-4,4%). O indicador acumulado nos últimos doze meses, em trajetória descendente desde agosto (3,0%) do ano passado, ficou em -1,1% em maio, menor resultado da série nesse tipo de comparação.

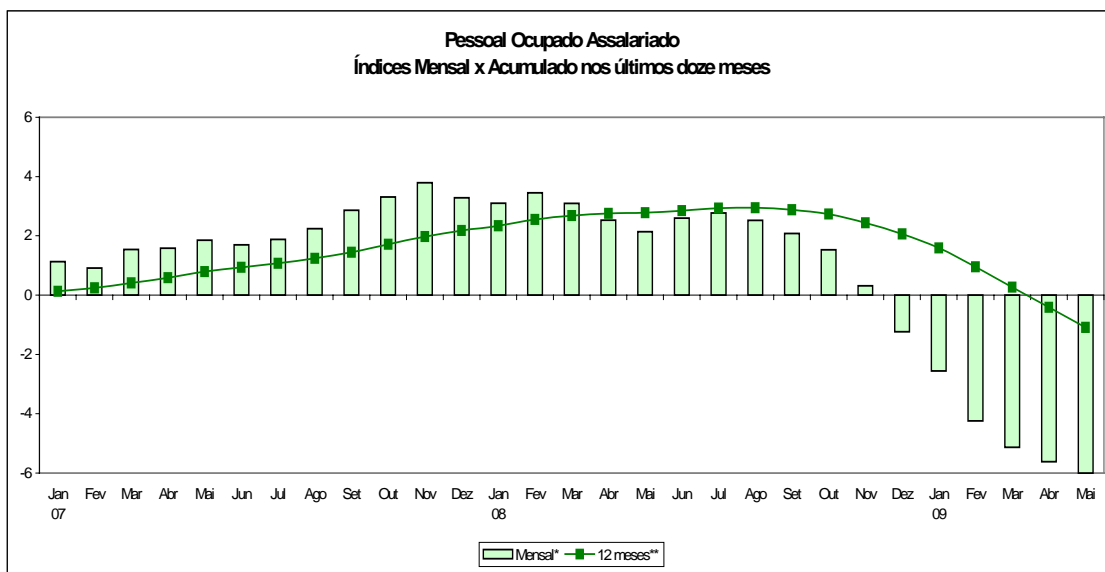
No confronto com maio de 2008 (-6,0%), o perfil foi generalizado de queda, atingindo os quatorze locais e dezessete dos dezoito setores pesquisados. São Paulo (-4,5%), Minas Gerais (-8,5%) e região Norte e Centro-Oeste (-9,6%) exerceram as pressões negativas mais significativas no total do país. Na indústria paulista, a maioria dos segmentos (14) teve

resultado negativo, com destaque para as contribuições de produtos de metal (-14,4%), meios de transporte (-11,5%) e borracha e plástico (-13,4%). Em Minas Gerais, os impactos negativos mais importantes vieram de vestuário (-17,4%) e meios de transporte (-13,8%). Na região Norte e Centro-Oeste, sobressaíram os recuos em madeira (-32,3%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-22,4%).

Em termos setoriais, no total do país, os principais destaques negativos na média global vieram de vestuário (-10,0%), meios de transporte (-9,6%), produtos de metal (-11,3%) e máquinas e equipamentos (-9,1%). Em sentido contrário, papel e gráfica (9,4%) exerceu o único impacto positivo.

O indicador acumulado no período janeiro-maio decresceu 4,7%, com quatorze ramos e os quatorze locais pesquisados contribuindo negativamente para a formação da taxa geral. São Paulo (-3,7%), região Norte e Centro-Oeste (-7,7%) e Minas Gerais (-5,8%) exerceram as maiores pressões, entre os locais. No total do país, setorialmente, os principais impactos negativos foram observados em vestuário (-9,3%), calçados e artigos de couro (-10,4%), meios de transporte (-6,8%) e madeira (-15,6%), em contraposição às pressões positivas mais significativas de papel e gráfica (6,2%), minerais não metálicos (1,1%) e refino de petróleo e produção de álcool (2,7%).

Em síntese, ao longo de 2009 o emprego industrial mantém sinal negativo na comparação com o mês imediatamente anterior, série com ajuste sazonal, porém sinaliza redução no ritmo de queda frente aos meses anteriores. Nas comparações com períodos mais longos as taxas também são negativas, atingindo, em maio, recordes históricos: -6,0% frente a maio de 2008, -4,7% no acumulado para os primeiros cinco meses do ano e -1,1% no acumulado nos últimos doze meses.



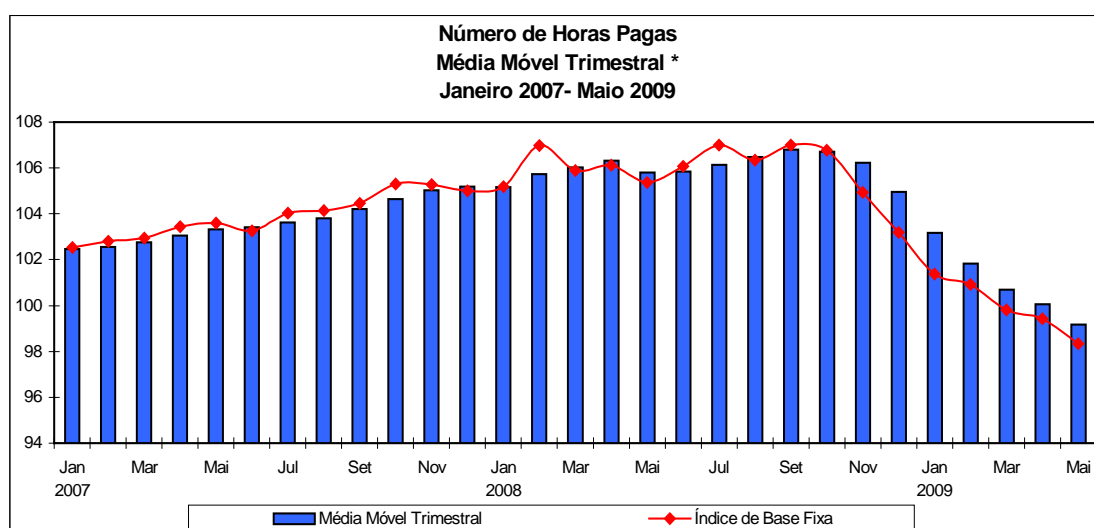
Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

\*Base: igual mês do ano anterior=100

\*\*Base: últimos doze meses anteriores=100

### NÚMERO DE HORAS PAGAS

Em maio, o número de horas pagas aos trabalhadores da indústria, já descontadas as influências sazonais, recuou 1,1% frente ao mês imediatamente anterior, oitava taxa negativa consecutiva, acumulando nesse período queda de 8,1%. Com estes resultados o indicador de média móvel trimestral recuou 0,9% em maio frente a abril, oitavo mês com redução, acumulando nesse período uma perda de 7,1%.



Fonte:IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

\*série com ajuste sazonal

Nos confrontos com iguais períodos do ano anterior, os resultados continuaram negativos: -6,7% no indicador mensal e -5,6% no acumulado no ano. O indicador acumulado nos últimos doze meses recuou 1,5%, após decréscimo de 0,8% em abril, prosseguindo em trajetória descendente desde setembro de 2008 (2,7%).

Em maio de 2009, o número de horas pagas diminuiu 6,7% em relação a igual mês do ano anterior, sexta queda consecutiva, com taxas negativas em treze dos quatorze locais pesquisados. A principal influência negativa veio de São Paulo (-5,0%), por conta da queda no número de horas pagas em meios de transporte (-12,6%), produtos de metal (-15,0%) e máquinas e equipamentos (-11,1%). Em seguida, vale mencionar as perdas vindas do Rio Grande do Sul (-11,0%), em função de calçados e artigos de couro (-16,7%) e máquinas e equipamentos (-15,8%); região Norte e Centro-Oeste (-10,5%), devido à retração em madeira (-29,4%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicação (-23,7%); e Minas Gerais (-8,0%), em razão do menor número de horas pagas em vestuário (-20,5%) e metalurgia básica (-13,8%).

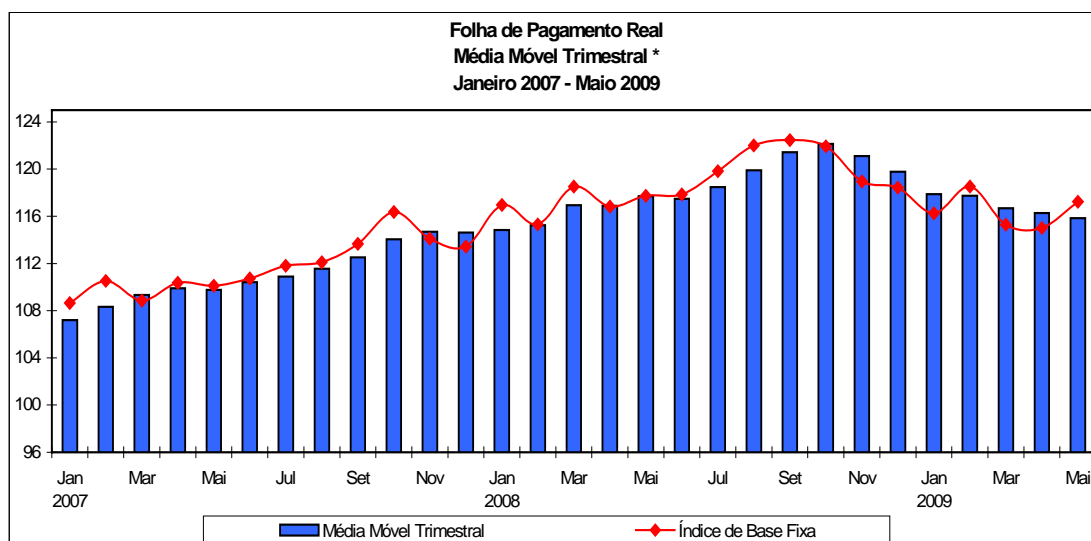
Setorialmente, ainda no indicador mensal, o número de horas pagas decresceu em dezesseis dos dezoito setores industriais, com as maiores contribuições negativas vindo de meios de transporte (-11,5%), máquinas e equipamentos (-11,5%) e produtos de metal (-12,2%). Por outro lado, papel e gráfica (9,4%) e refino de petróleo e produção de álcool (1,8%) foram as únicas atividades com crescimento.

O indicador acumulado no ano mostrou retração (-5,6%), com redução em todos os locais investigados. As principais influências negativas vieram de São Paulo (-4,5%), região Norte e Centro-Oeste (-8,9%) e Rio Grande do Sul (-8,2%). Nestes locais, as maiores quedas foram observadas, respectivamente, em meios de transporte (-9,3%) e máquinas e equipamentos (-9,8%); madeira (-24,9%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-20,6%); e calçados e artigos de couro (-14,1%) e produtos de metal (-15,2%).

Em termos setoriais, quatorze ramos reduziram o número de horas pagas, com vestuário (-9,5%), meios de transporte (-9,7%) e máquinas e equipamentos (-8,8%) exercendo as principais pressões negativas. Em sentido oposto, os maiores impactos positivos vieram de papel e gráfica (6,0%) e refino de petróleo e produção de álcool (4,9%).

#### FOLHA DE PAGAMENTO REAL

Em maio, o valor da folha de pagamento real dos trabalhadores da indústria, descontados os efeitos sazonais, avançou 1,9% em relação a abril, após dois meses de queda, influenciado pela indústria extrativa por conta do pagamento de participações nos lucros. Mesmo assim, o índice de média móvel trimestral prossegue em trajetória descendente desde novembro do ano passado, assinalando, em maio, variação negativa de 0,4%.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria  
\*série com ajuste sazonal

Nos confrontos com iguais períodos de 2008, a folha de pagamento real recuou 0,6% no índice mensal e -0,8% no acumulado no ano. A taxa anualizada, indicador acumulado nos últimos doze meses, em trajetória decrescente desde setembro do ano passado, atingiu 3,0% em maio, menor taxa desde abril de 2007 (2,7%).

Na comparação maio 09/ maio 08, o recuo de 0,6% na folha de pagamento real mostrou resultados negativos em nove dos quatorze locais pesquisados, com destaque para São Paulo (-4,4%), Rio Grande de Sul (-8,8%) e Minas Gerais (-5,8%) que assinalaram as principais contribuições negativas sobre a média geral. No estado paulista, os maiores impactos negativos no valor da folha de pagamento real foram observados em meios de transporte (-13,6%), máquinas e equipamentos (-8,9%) e borracha e plástico (-14,3%). No Rio Grande do Sul, calçados e artigos de couro (-13,3%), meios de transporte (-17,5%) e máquinas e equipamentos (-9,4%) apontaram as maiores perdas, enquanto em Minas Gerais, destacaram-se metalurgia básica (-14,4%) e produtos de metal (-24,2%). Em sentido contrário, Rio de Janeiro mostrou expansão de 30,0%, sobressaindo o crescimento atípico da indústria extrativa (129,4%), explicada sobretudo pelo pagamento de participação nos lucros em importante empresa do setor.

Setorialmente, ainda no confronto com maio de 2008, a folha de pagamento real diminuiu em doze dos dezoito ramos investigados, destacando-se com as contribuições negativas mais importantes na formação da taxa geral: meios de transporte (-12,1%), máquinas e equipamentos (-8,4%) e borracha e plástico (-12,4%). Por outro lado, os maiores incrementos na folha de pagamento real vieram da indústria extrativa (73,8%), papel e gráfica (18,3%) e refino de petróleo e produção de álcool (46,2%).

No indicador acumulado no ano, a redução na folha de pagamento real foi de -0,8%, com decréscimos observados em oito locais. Os principais impactos negativos foram assinalados por São Paulo (-2,0%), Rio Grande do Sul (5,0%), Minas Gerais (-1,7%) e região Norte e Centro-Oeste (-2,4%). Nestes locais, as atividades que exerceram as maiores pressões negativas foram máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-11,8%) e meios de transporte (-4,0%), na indústria paulista; meios de transporte (-12,4%) e calçados e artigos de couro (-7,1%), na indústria gaúcha; metalurgia básica (-8,1%) e meios de transporte (-8,3%), em Minas Gerais; e na região Norte e Centro-Oeste, madeira (-19,5%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-12,0%).

Em termos setoriais, doze segmentos reduziram a folha de pagamento real, com as principais influências negativas vindo de meios de transporte (-4,3%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-8,1%). Por outro lado, indústria extrativa (25,4%) e papel e gráfica (11,1%) exerceram as principais pressões positivas.